Observações sobre os objetivos da Rosa Branca

Este livro foi escrito logo após a Segunda Guerra Mundial, em cujos escombros teve fim o Terceiro Reich. Na época, escrevi a história da Rosa Branca a partir da experiência dos meus irmãos Hans e Sophie, porque constantemente me perguntavam a respeito — professores, estudantes, velhos e jovens contemporâneos dos meus irmãos. Escrevi esta história para os jovens que cresceram com a Juventude Hitlerista e cujos olhos de repente foram abertos pelo terrível vazio — e que agora buscavam a verdade, buscavam o outro lado de seu próprio povo. Naquela época, iniciou-se um processo de autorreflexão política; foi um início libertador...

Eu havia me limitado a narrar a história de meus irmãos e seus amigos a partir da perspectiva de uma pessoa muito próxima. Naquela época, a distância temporal que teria possibilitado a investigação do contexto histórico ainda não existia, e tampouco se colocava a pergunta sobre o êxito da resistência. Pois para as pessoas que, após o fim da Guerra, tomaram conhecimento dos atos hediondos cometidos pelo sistema nazista, o simples fato de ter havido uma resistência foi crucial. Seu estado de ânimo bem podia ser expresso pelas palavras de Sir Winston Churchill: "Em toda a Alemanha houve oposição, uma oposição que está entre as mais nobres e grandiosas que já foram vistas na história política de todos os povos. Esses homens lutaram sem nenhuma ajuda, interna ou externa, movidos unicamente pela inquietação da própria consciência. Enquanto vivos, foram invisíveis para nós, pois eram obrigados a se camuflar. Nos mortos, porém, a resistência tornou-se visível. Esses mortos não podem justificar tudo o que ocorreu na Alemanha. Mas os mortos e as vítimas são fundamento inabalável de um recomeço".

Principalmente os jovens, de cuja boa-fé tanto se havia abusado, encontraram na história da Rosa Branca o estímulo necessário para um novo começo. Eles não sentiram pesar sobre si apenas o fardo de um passado cruel ou do próprio fracasso, mas romperam a resignação por meio do reconhecimento e, até mesmo, da identificação com a resistência.

Com o passar do tempo, vieram à luz documentos que completaram minhas anotações com detalhes importantes; esses documentos ofereciam informações sobre o contexto e delineavam com mais clareza o perfil político desse círculo de resistência. Esta nova edição apresenta uma seleção de tais documentos.

Os testemunhos dos amigos, acima de tudo, contribuíram para aprofundar a compreensão do que foi a Rosa Branca.

Mas quem foram essas pessoas que — unidas num pequeno grupo — ousaram lutar, com panfletos, contra um sistema inteiramente baseado na força das armas, que havia subjugado quase toda a Europa?

Qual foi o propósito de sua resistência? Quais eram seus objetivos políticos e qual era a sua ideologia?

Tudo indica que, para os participantes do grupo estudantil de resistência de Munique, não restavam dúvidas de que aquele regime, com seu aparato totalitário de poder, não poderia ser derrubado senão por meio da força. Como não dispunham de tais meios, procuraram outro caminho: o do esclarecimento e da *resistência passiva*. Não é possível esclarecer de todo até que ponto eles tinham planos concretos ou a expectativa ou esperança de que a resistência passiva se transformasse em *resistência ativa*. De qualquer modo, um dos panfletos da Rosa Branca (II) diz: “Se uma tal onda de revolta se propagar pelo país, se ela ‘pairar no ar’, se muitos colaborarem, então, em um derradeiro e extraordinário esforço, este sistema poderá ser derrubado. Um fim com terror é sempre melhor que um terror sem fim”.

[Trad. Luana de Julio de Camargo

Revisão Tinka e Juliana 05/04/2012

Revisão Cide 30/05

Última revisão 01/06/2012]